

MONICA PACIELLO VIEIRA

O PARC LA VILLETTE na concepção de Sergio Bernardes

LA VILLETTE PARC in Sergio Bernardes' conception

Monica Paciello Vieira

Arquiteta e Urbanista, formada pela FAU UFRJ em 2001 e Mestre pelo PROARQ em 2006. Atualmente atua em Portugal, principalmente com projetos de reabilitação de edifícios residenciais em áreas históricas.

Architect and Urban Planner, graduated from FAU UFRJ in 2001 and Master from PROARQ in 2006. She currently works in Portugal, mainly with residential building rehabilitation projects in historic areas.

monicapvieira@gmail.com

Resumo

Muitos foram os projetos do arquiteto Sergio Bernardes que não saíram do papel, contudo, dentre esses inúmeros projetos não executados, o projeto para o Parc de la Villette em Paris, fruto de um concurso internacional em 1982, nunca sequer se tornou público. Sob o tema da reabilitação de um espaço urbano degradado e a busca de um projeto capaz de transformá-lo em espaço de cultura e lazer é relevante o conhecimento e análise da proposta de Bernardes. Contrastar sua proposta com o que lá foi implantado, projeto de Bernard Tschumi, e com outro projeto finalista, no caso o projeto do arquiteto Rem Koolhaas, contribui para entendermos um pouco mais da maneira de Bernardes pensar a arquitetura.

Palavras-chave: Sergio Bernardes. Parc de la Villette. Concurso Internacional. Paris.

Abstract:

There were many projects by architect Sergio Bernardes that did not get out of paper, however, among these numerous unfulfilled projects, the project for the Parc de la Villette in Paris, the result of an international competition in 1982, never even went public. Under the theme of the rehabilitation of a degraded urban space and the search for a project capable of transforming it into a space of culture and leisure, the knowledge and analysis of Bernardes's proposal is relevant. Contrasting his proposal with what was implemented there, Bernard Tschumi's project, and with another finalist project, in this case the architect Rem Koolhaas project, helps us to understand a little more about Bernardes' way of thinking about architecture.

Keywords: Sergio Bernades. Parc de la Villette. international contest. Paris

FIGURA 2 e 3

Vistas aéreas do antigo
abatedouro

Fonte: <http://parismuseecollections.paris.fr/en/node/95006#infos-principales>. Acesso em: 22 jan. 2018.



O concurso, que buscava o desenho de um parque urbano para o século 21, encontrou na proposta de Bernard Tschumi o suporte a um parque dinâmico que se tornou um polo cultural e de lazer.

Inaugurado em etapas entre 1984 e 2000, portanto com mais de 20 anos de uso pleno, o Parc de la Villette é um grande exemplo de uma realidade de parque mimetizado a cidade. *“Uma tipologia de parque baseada na acumulação, promiscuidade interativa, onde, o que importa não é o desenho, mas a quantidade de situações justapostas e superpostas”*. (GUATELLI, p.18)

Além dos mais de 470 projetos concorrentes, um parece não ter comovido o júri¹. O projeto intitulado “Os Vulcões de Paris”, do arquiteto brasileiro Sergio Bernardes (1919-2002), permaneceu esquecido dentre centenas de projetos no acervo do arquiteto.²

¹ De acordo com depoimento concedido a autora em dezembro de 2017, Murillo Boabaid, arquiteto e sócio de Sergio Bernardes por mais de 30 anos, diz que o projeto de Bernardes não chegou a concorrer. Segundo Boabaid, o projeto foi entregue no aeroporto do Galeão – Rio de Janeiro, na véspera da data limite do concurso. E por atraso o portador não o entregou à tempo.

² O arquivo do arquiteto Sergio Bernardes ficou por muitos anos inacessível à pesquisa, mas desde 2011 está sob gestão do Núcleo de Pesquisa e Documentação FAU-UFRJ – Brasil, desde então está sendo tratado e disponibilizado para consultas, despertando interesse em pesquisadores nacionais e internacionais.

Bernardes iniciou sua trajetória, sendo contemporâneo de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, num momento em que a arquitetura moderna brasileira ganhava destaque no cenário internacional. Concretizou expressivo número de trabalhos e contribuiu notoriamente para o desenvolvimento de novas soluções construtivas. Contudo, ficou conhecido no meio da arquitetura como utópico, pois em certa fase de sua carreira, enveredou por um caminho de propor soluções para problemas globais que extrapolaram a função de arquiteto e urbanista. Conforme observou Lauro Cavalcanti (2010, p.17):

“Oportuno, também, observarmos que, apenas poucas décadas depois de serem lançadas e consideradas irreais, pode-se, hoje, constatar o caráter preconizador de algumas questões que Bernardes levantou. (...) Os seus macroprojetos, por mais fantasiosos que parecessem, tinham como eixos condutores os aspectos de infraestrutura e sustentabilidade ecológica, elementos que só agora se tornam corriqueiros (...)”

E por se tratar de um pensador sempre à frente de seu tempo, vale aqui registrar suas ideias para a qualificação urbana da área do La Villette em Paris e contrastar com o que lá foi construído e com uma terceira proposta, a do arquiteto holandês Rem Koolhaas.

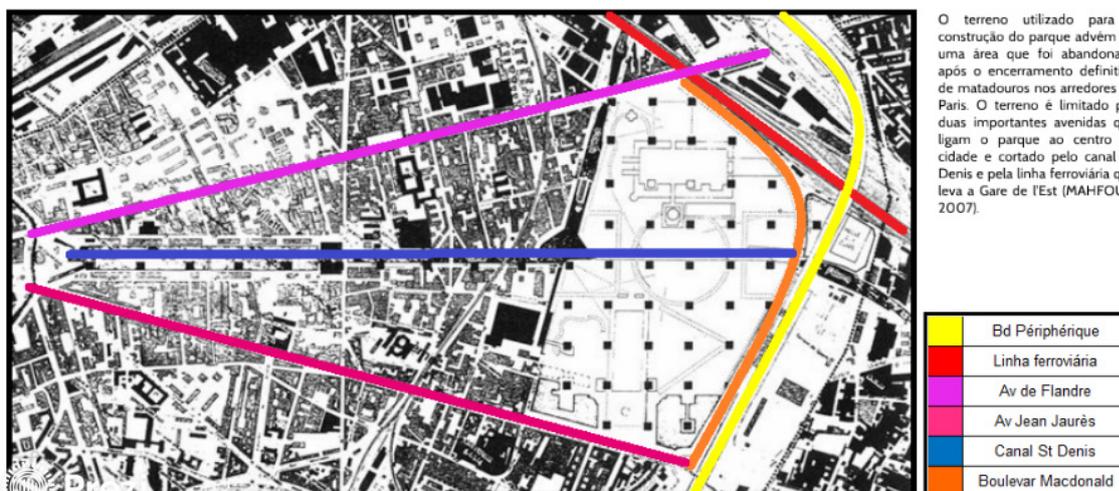


FIGURA 4 - Acessos e vias de circulação

Imagem: <https://prezi.com/vu5q4uvocw/vjw/parc-la-villette/> Acesso em: 22 jan. 2018.

Parc de la Villette – Bernard Tschumi

Tschumi conceituou o parque como um edifício descontínuo e modular, com a sobreposição de vários elementos numa única estrutura; segundo o arquiteto uma “desconstrução programática”. Sobre um grande plano de área verde, criou uma malha ortogonal, e para organizar a área, nas junções dos eixos x e y, implantou o que chamou de “folies” e marcou percursos retilíneos. Ambos elementos sobrepostos articulavam o vasto e complexo programa de instalações culturais e de entretenimento.

Os pontos ou “folies” foram instalados nos vértices da malha regular ortogonal de 120 m x 120 m, na forma de pavilhões cúbicos vermelhos de 10 m de lado, desconstruídos com subtrações, rotações etc. Além de funcionarem como pontos de referência e conferirem unidade ao parque, os “folies” abrigam variados programas.

As linhas são os percursos, sendo os dois principais, marcados por passarelas cobertas, que se cruzam ortogonalmente; um no sentido Norte – Sul (estação Pantin – La Villette), transpondo o canal e ligando a Cidade das Ciências (projeto de Adrien Fainsilber) à Cidade da Música (projeto de Christian de Portzamparc) e a Grande Halle; e o outro, no sentido Leste - Oeste margeando o rio Ourcq. O terceiro caminho é sinuoso e intersecciona os outros dois, é chamado “cinématique” com 3 km de extensão se desenrola como um rolo de filme pelo gramado do parque e leva o usuário a vários pontos de interesse, passando por jardins temáticos, áreas educacionais, esportivas, contemplativas etc.

As áreas verdes ou planos, são as grandes áreas destinadas às atividades constantes no programa inicial do concurso do parque, dividida pelo canal, onde acontecem festivais, sessões de cinema ao ar livre entre outros eventos. Ainda existem 10 jardins temáticos, fazendo com que as pessoas possam desfrutar de cada um deles de maneira única.

Segundo Tschumi (apud. BERTACCHINI, 2001, p.1)³:

“O projeto do Parc de la Villette pode assim ser visto para incentivar o conflito sobre a síntese, a fragmentação sobre a unidade, a loucura e o jogo sobre a gerência cuidadosa. Este projeto subverte um número de ideais que lhe eram sacrificados no período moderno – desta maneira, pode ser aliado a uma visão específica de pós-modernidade”.

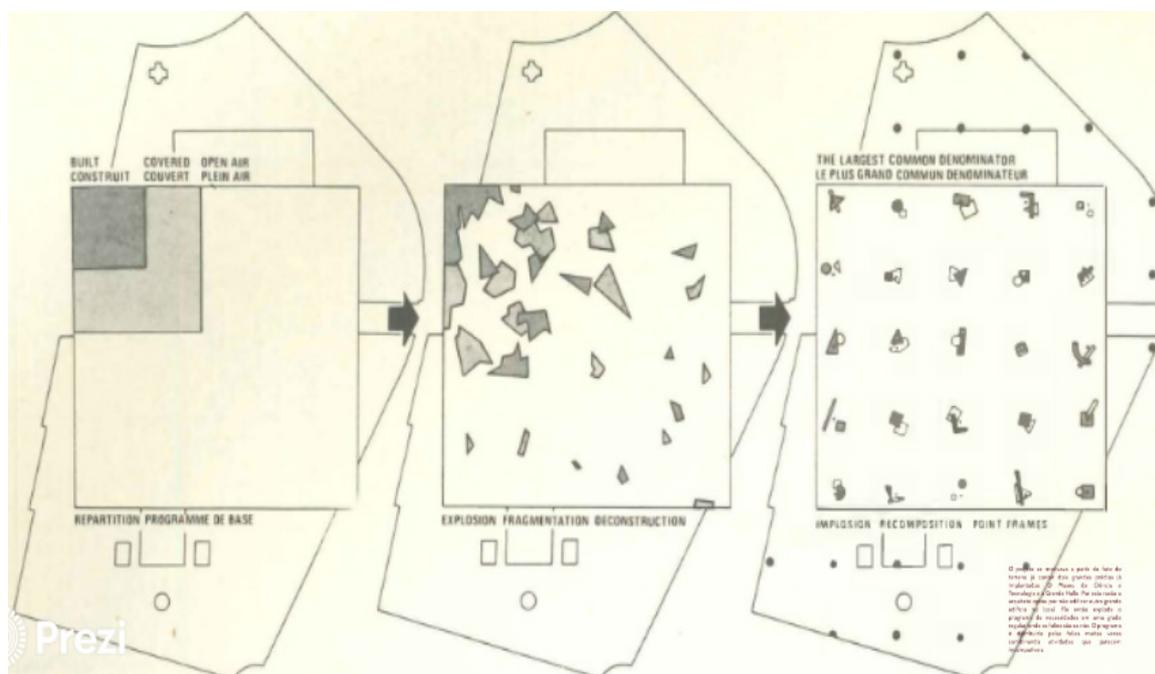


FIGURA 5 - Esquema de “explosão” do programa de necessidades nas folies, distribuídas nos vértices de uma grade regular.

Imagem: <http://arquitetemos.blogspot.pt/2012/03/parc-de-la-villette-bernard-tschumi.html>. Acesso em: 22 jan. 2018.

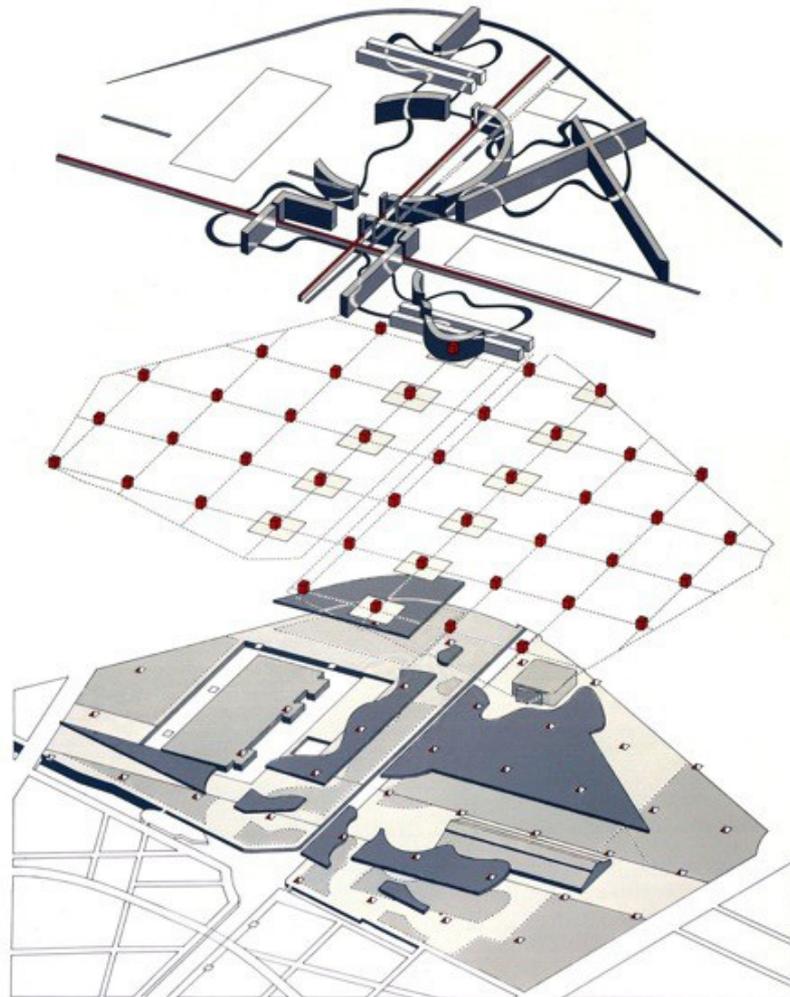
³ Explicação utilizada pelo próprio arquiteto, sobre o Parque de La Villette, extraída do website www.pixcentrix.co.uk/pomo/arch/arch.htm

Um amplo programa cultural e social é abrigado em dezenas de construções espalhadas pelo parque, lembrando a proposta de Niemeyer para o Parque do Ibirapuera em São Paulo. Para Tschumi, seu projeto era um contraponto à máxima de Olmstead (autor do Central Park de Nova York) segundo à qual “dentro de um parque, a cidade não deveria existir”. Porém o arquiteto suíço não adota como tipologia os pavilhões modernistas do parque paulistano. Ao invés disto ele fragmenta o programa em uma série de folies. A folie é um tipo de construção que teve origem no século XVI e que se popularizou no século XIX. Trata-se, em geral, de uma pequena construção que abriga funções variadas, normalmente vinculadas ao ócio, e que tinham por objetivo destacar pontos de interesse na paisagem, ao longo de um determinado caminho. Este elemento de inspiração romântica é transformado por Tschumi, em um complexo sistema espacial reticulado em cujos nós estão implantadas as folies.

FIGURA 6

Esquema de implantação em 3 camadas.

Imagem: <https://landscapelover.wordpress.com/2010/11/30/parc-de-la-villette/> Acesso em: 22 jan. 2018.



Parc de la Villette – Rem Koolhaas

A quantidade de projetos e a complexidade da intervenção levou o júri do concurso, presidido pelo paisagista brasileiro Roberto Burle Marx, a promover uma segunda fase com nove projetos selecionados. Assim como o projeto de Tschumi, o apresentado por Rem Koolhaas representava uma nova experiência formal e propositiva. Como orquestrar numa área metropolitana a coexistência das mais dinâmicas atividades?

“Finally, we insist that at no time have we presumed to have produced a designed landscape. We have confined ourselves to devising a frame-work capable of absorbing an endless series of further meanings, extensions, or intentions, without entailing compromises, redundancies, or contradictions. Our strategy is to confer on the simple the dimension of adventure.” (KOOLHAAS, 1995, p. 934)

Contrário à proposta de Bernardes, o método de Koolhaas para organizar o espaço do parque consiste em criar um modelo de organização não definitivo, embasado na percepção de um programa que estaria em constante mudança durante a trajetória do parque. Propôs então, um pano de fundo formado por camadas. Sendo a primeira camada a divisão da área em faixas paralelas e com larguras variáveis, que acomodariam os itens do programa, tendo o Museu da Ciência como uma faixa maior e o Grande Halle, no outro sentido, como uma parte coberta incidental. A segunda camada seriam os grides (*point grids or confetti*), que consistiam nos quiosques, playgrounds e áreas para piquenique. A terceira camada seria os caminhos, subdivididos em *boulevard* e *promenade*. Sobre este conjunto, que forma o background, as infraestruturas seriam adicionadas, sendo que algumas já se encontravam no terreno.

A ideia do parque era transmitir a ilusão de diferentes paisagens: áreas densas em contraponto com áreas gramadas livres; preenchimento das faixas com agrupamentos de diferentes espécies formando sucessivas texturas; e dois elementos vegetais (*Linear Forest and circular Forest*) contraponto com a arquitetura principal.

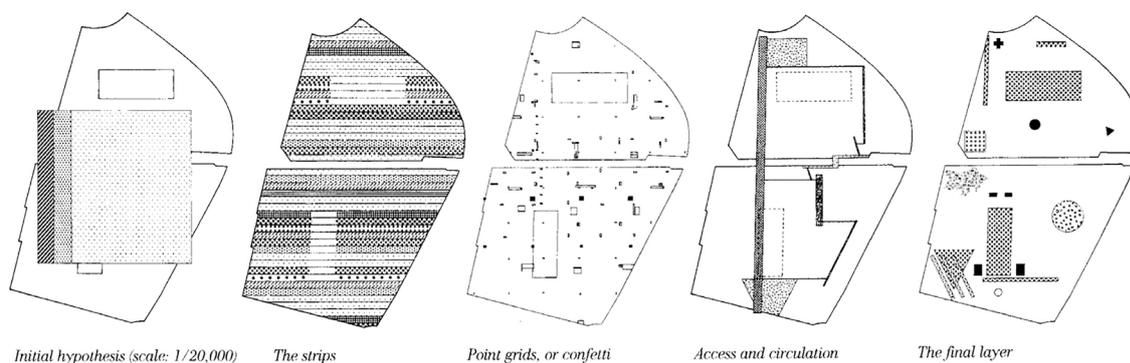


FIGURA 7 - Esquema de implantação em 3 camadas.

Imagem: <https://landscapelover.wordpress.com/2010/11/30/parc-de-la-villette/> Acesso em: 22 jan. 2018.

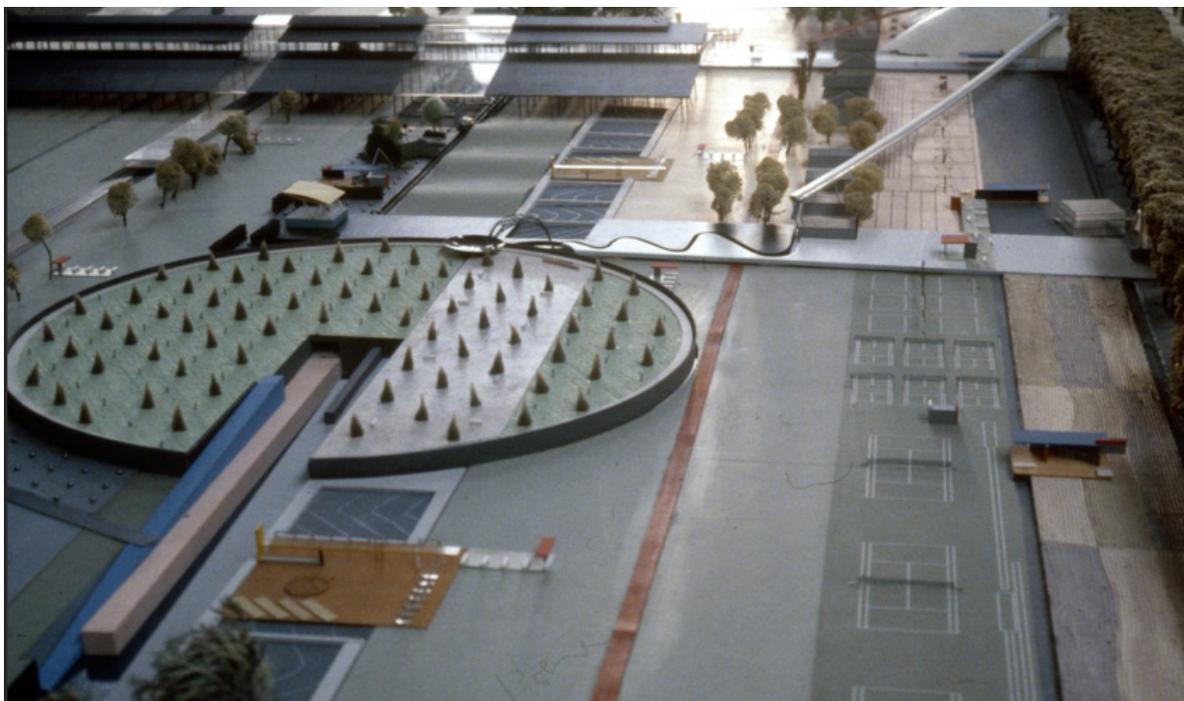
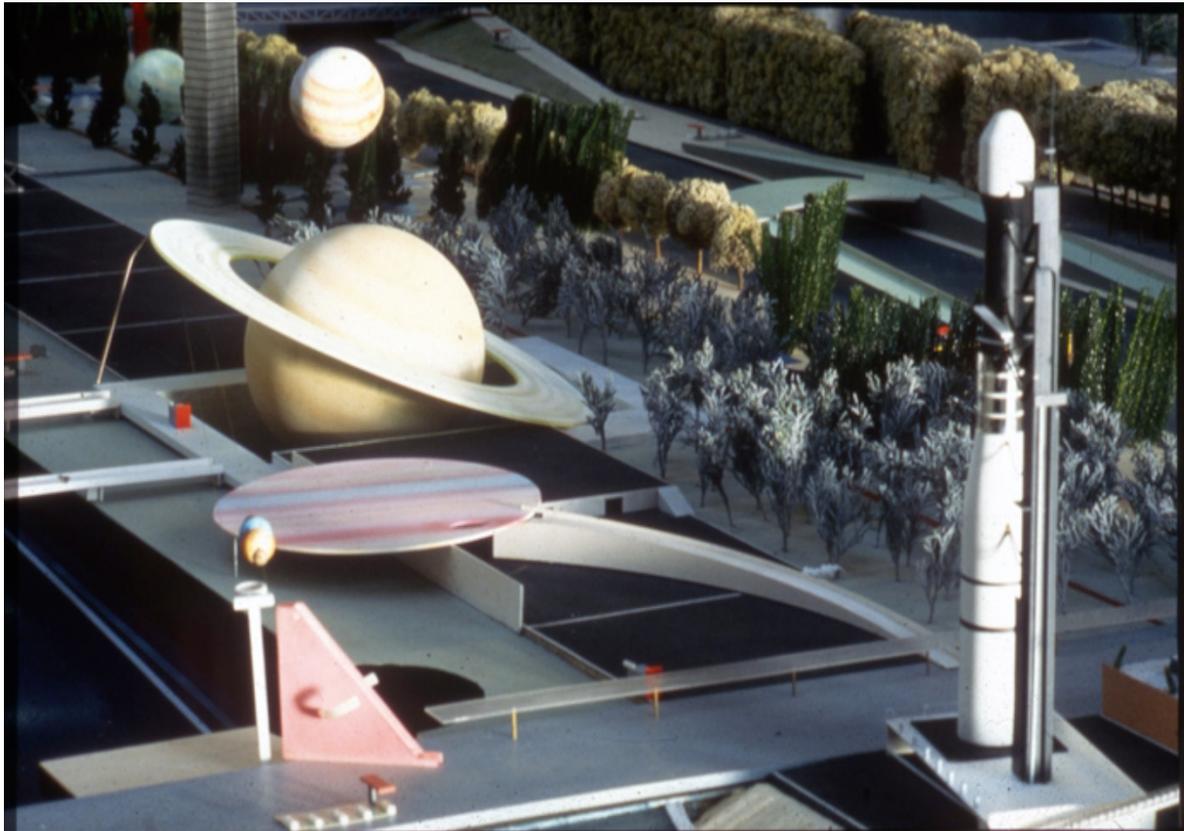


FIGURA 8 e 9 - Esquema de implantação

Imagem: <https://oma.eu/projects/parc-de-la-villette>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Parc de la Villette – Sergio Bernardes

Com a mesma intensão de Tschumi de criar um espaço de interesse cultural e de lazer, Bernardes conduz sua proposta a partir de um conceito bem distinto. Ao invés de trazer a cidade para dentro do parque, insinuando a malha urbana, o arquiteto repele a cidade e insere no terreno formas vulcânicas. Além de ter como objetivo a potencialização do uso das áreas livres com a menor ocupação possível do parque e a criação de núcleos de atividades culturais para a atração da população local e dos demais habitantes da cidade; tinha como premissa possibilitar um uso intenso nas mais diversas condições climáticas, levando em conta o alto índice pluviométrico e o rigor do inverno parisiense. Cria assim “micro climas”⁴ nas áreas internas do que denominou “vulcões”.

“Devemos os vulcões de Paris a Jules Verne, que nos abriu as portas simbólicas do jardim do século XXI.” (BERNARDES, 1982)⁵

No romance “Viagem ao Centro da Terra”, Jules Verne descreve as crateras de vulcões como entradas e saídas de um mundo subterrâneo cujas manifestações estão constantemente emergindo, modificando a superfície do planeta. Bernardes se inspira em Jules Verne e, metaforicamente enxerga um equipamento cultural ao ar livre como um local vulcânico em permanente atividade.

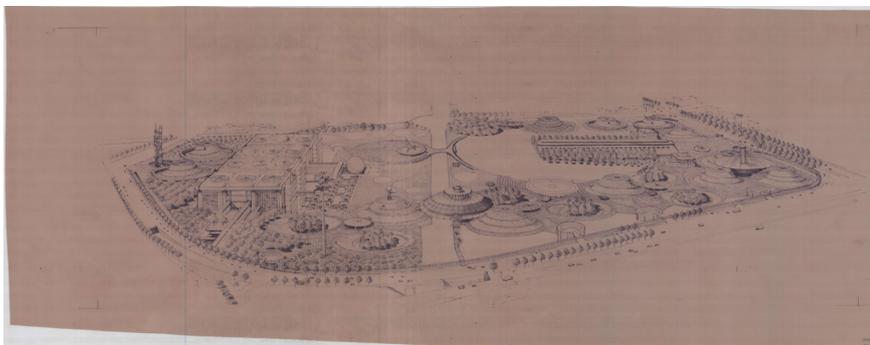
Organiza sua proposta em espaços biosféricos e tecnosféricos; sendo os biosféricos as áreas descobertas e as encostas ajardinadas dos “vulcões”, maximizadas pela implantação da maior parte do programa no subterrâneo. E os espaços tecnosféricos, os espaços internos, subterrâneo e de plantas circulares; espaços estes que comunicam entre si através de rampas, elevadores, garagens, passarelas etc.

Bernardes desenvolve a proposta com a implantação de até 17 vulcões ao longo do parque, prevendo uma ocupação que se consolidaria em 2053; portanto para a primeira fase seriam construídos 4 vulcões na Zona A e a ponte coberta sobre o canal, atendendo ao programa do concurso. Uma proposta consolidada e impermeável a qualquer intervenção futura, que permitia preservar apenas os dois edifícios históricos pré-existentes. “Os vulcões de Paris são de arquitetura atemporal e permitem preservar o Grande Halle, o Museu da Ciência e outras construções históricas como as únicas arquiteturas datadas”⁶.

FIGURA 10

Perspectiva geral do projeto

Imagem: Acervo do arquiteto Sergio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil



⁴ A preocupação de criar “micro climas” é uma constante na obra de Bernardes, vide o projeto para o Hotel Tropical de Manaus, de 1963/70.

⁵ Frase extraída do memorial justificativo do projeto.

⁶ Texto extraído do Memorial Descritivo do Projeto original em francês: “Les Volcan de Paris sont d’une architecture atemporelle, et permettent de conserver la Grande Halle, Le Musée de la Science et les autres bâtiments historiques comme les seules architectures datées.” Além do Grande Halle e Musée de Science, existiam na área o Pavillon Janvier, Pavillon Bourse e Fontaine aux Lions.

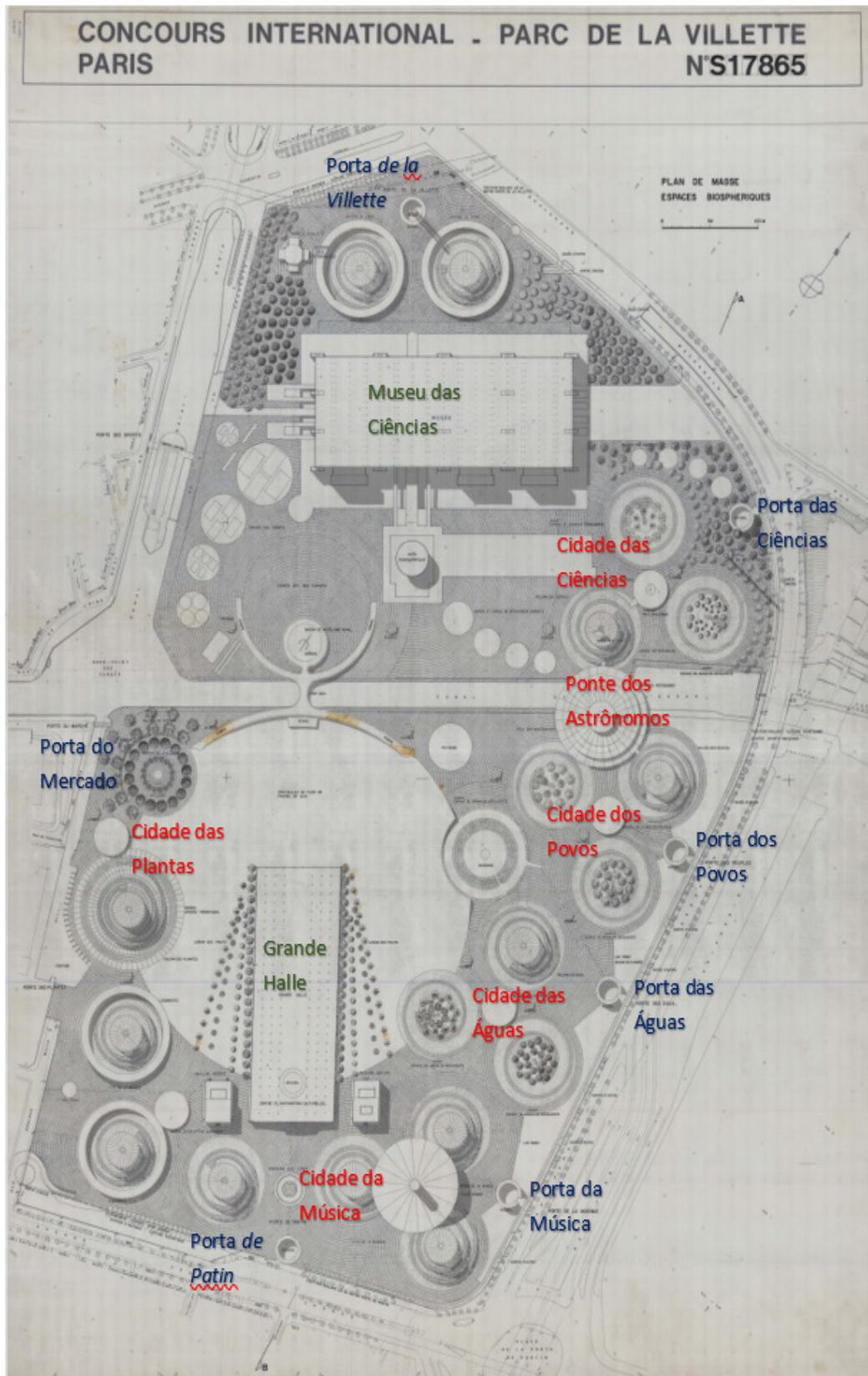


FIGURA 11 - Planta geral de implantação

Imagem: Acervo do arquiteto Sérgio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil

Segundo Bernardes, um sítio sem tradição cultural não poderia contar apenas com um museu para modificar sua posição periférica em relação a cidade, por isso, além do programa previsto, propôs a implantação de outros complexos, como a Cidade das Águas e Cidade dos Povos. Denominou de “magnetos tecnosféricos” os polos de atração. Portanto, os que não seriam construídos numa primeira fase, teriam seus espaços escavados, e como uma fenda subterrânea, assumiriam espaços de criativos jardins.

Denominou o primeiro magneto a Cidade das Ciências, juntamente com a sede dos clubes de ciência, o radiotelescópio do Jardim da Astronomia, laboratórios, biblioteca, feira de livros técnicos e científicos, dois auditórios, área para exposição de brinquedos inteligentes e área para exposição de inteligência artificial, como um programa precursor foi implantada junto ao Museu das Ciências. Do outro lado do Ourcq ficaria o segundo magneto, o Vulcão da Cidade dos Povos, com salas de cinema para exibição de filmes estrangeiros e lojas oficiais de países dos cinco continentes. Sobre o Ourcq, e entre os vulcões citados acima, seria implantado o terceiro magneto, um polo de restaurantes e um observatório, num edifício / ponte em forma de prato, denominada Ponte dos Astrônomos. O quarto magneto seria a Cidade das Águas, destinada aos banhos termais, saunas e espaços para diversas práticas corporais, como dança, ginástica e yoga. O quinto magneto tecnosférico é a Cidade das Plantas, com jardins temáticos, estufas de plantas e espaços para atividades voltadas a botânica e jardinagem.

Junto a Cidade das Águas estaria o primeiro “magneto biosférico”, ao ar livre, uma grande área destinada a piscinas, cachoeiras e solários. O segundo biosférico seria o Lago Nemo, um complexo para iniciação da prática subaquática. E entre o Canal Ourcq, o Museu das Ciências e o Grande Halle, um espaço para shows e eventos ao ar livre, tendo a ponte como palco.

Os acessos ao complexo se dariam por 8 portas, sendo as portas de la Villette à norte e de Patin à sul, as duas principais que contam com estação de metrô e autocarros. Ao longo da Avenida Macdonald, que é por onde se desenvolvem a maioria dos vulcões, estariam os acessos aos parques de estacionamento subterrâneos e uma esteira rolante, como uma ligação periférica e coberta entre as portas. Rampas suaves e ascendentes circundam os vulcões e direcionam os pedestres para seus interiores, além das rampas, as escadas helicoidais nas laterais dos vulcões também dão acesso aos mesmos. No mais, a circulação é livre entre os espaços circulares, onde o arquiteto prevê também quiosques e outros equipamentos de apoio. A transposição do canal se dá por uma ponte que desce em duas rampas para cada lado, no eixo do Grande Halle e pelo edifício de planta circular sobre o canal, a Ponte dos Astrônomos

FIGURA 12

Vista da Porta de Patin

Imagem: Acervo do arquiteto Sérgio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil



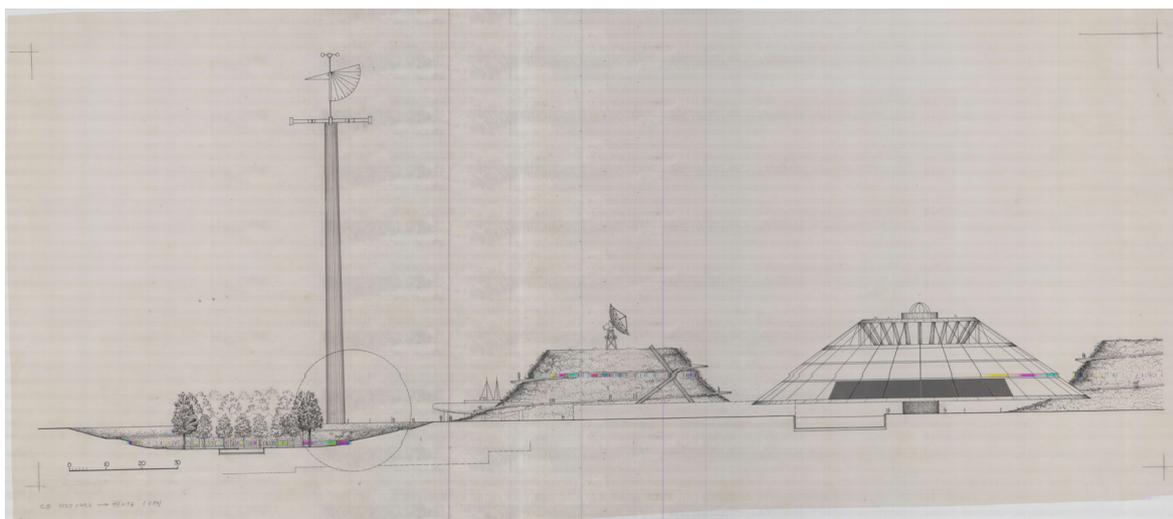
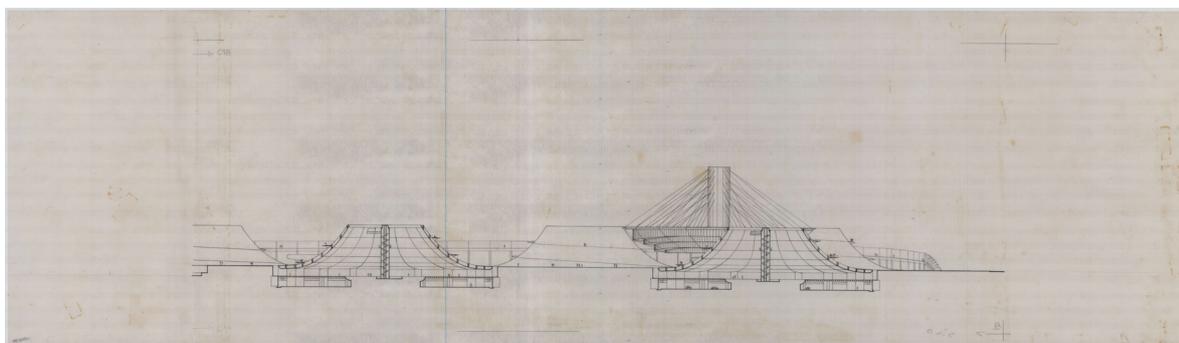
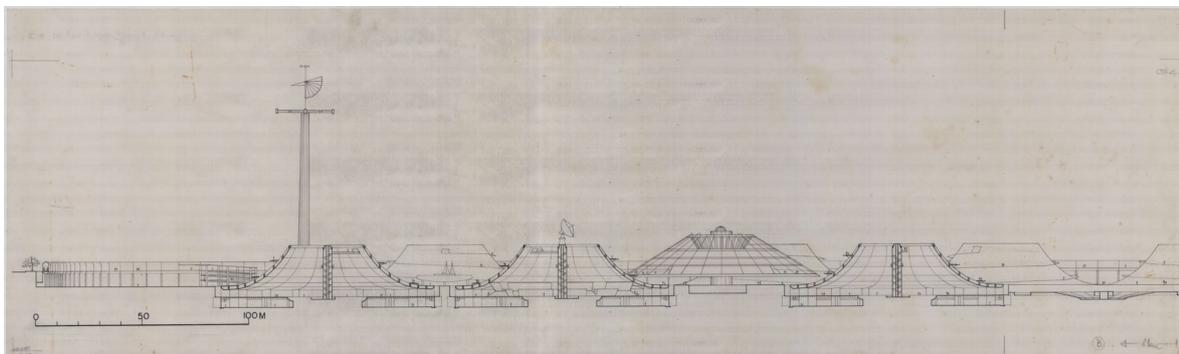


FIGURA 13,14 e 15 - Cortes gerais do projeto

Imagem: Acervo do arquiteto Sérgio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil

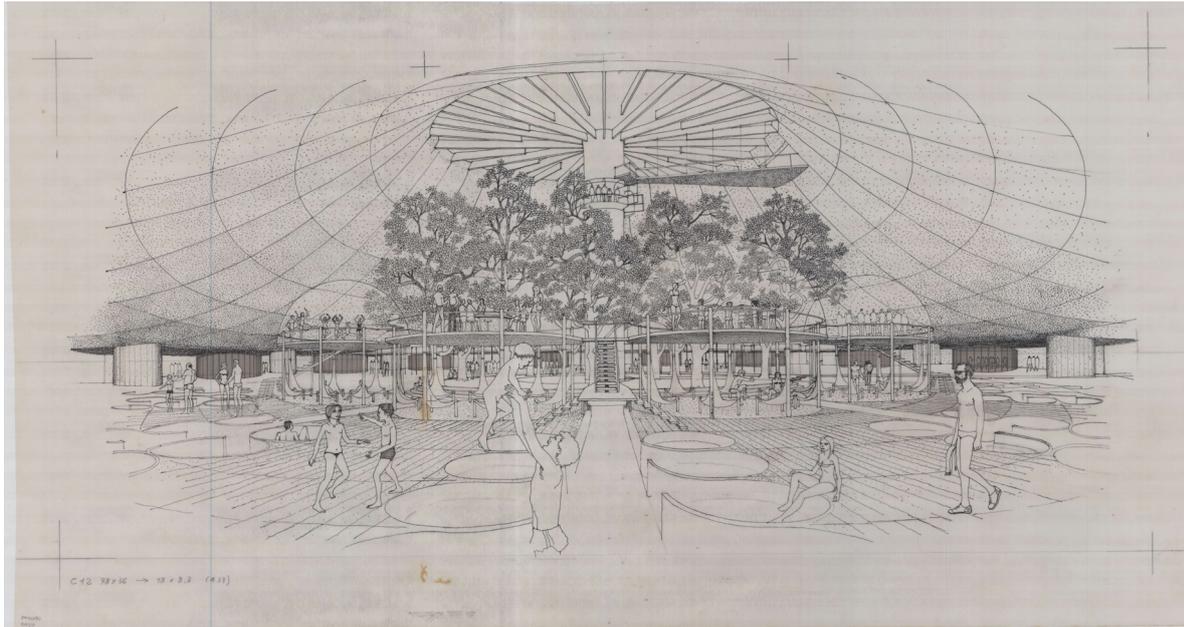


FIGURA 16 - Vista interna do vulcão da Cidade das Águas

Imagem: Acervo do arquiteto Sérgio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil

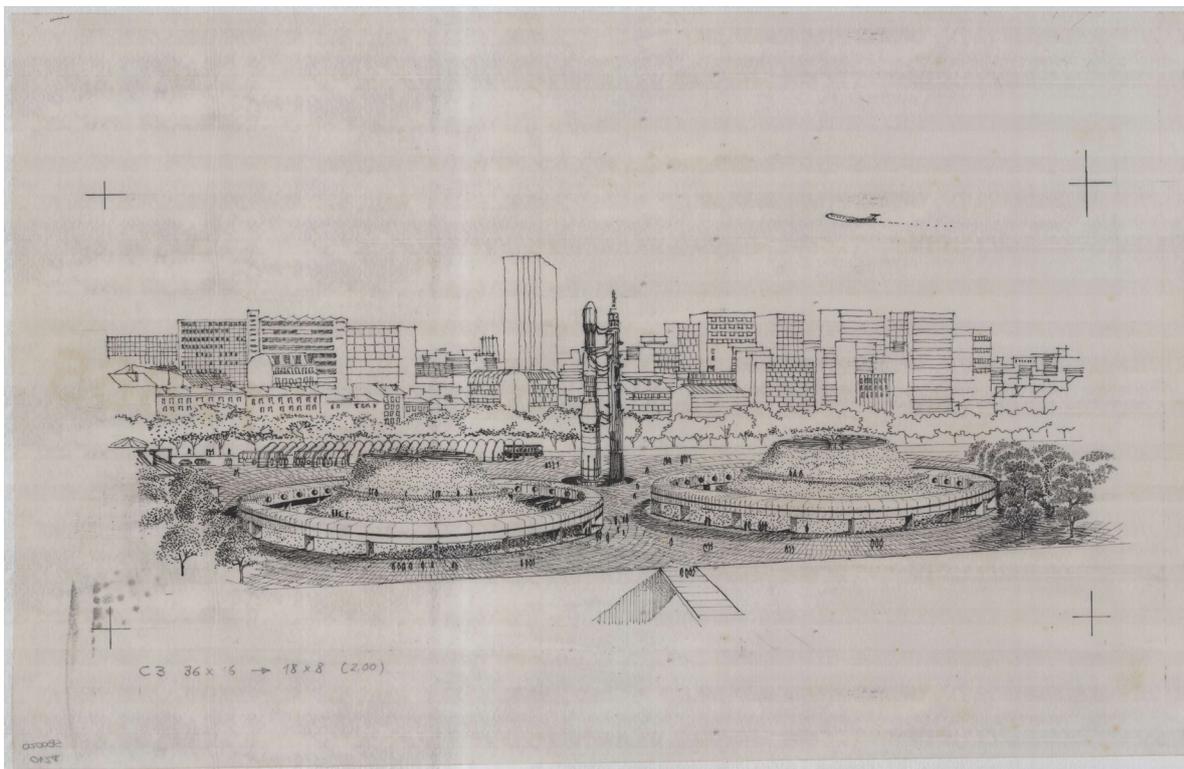


FIGURA 17 - Vista da Porta de la Villette

Imagem: Acervo do arquiteto Sérgio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil

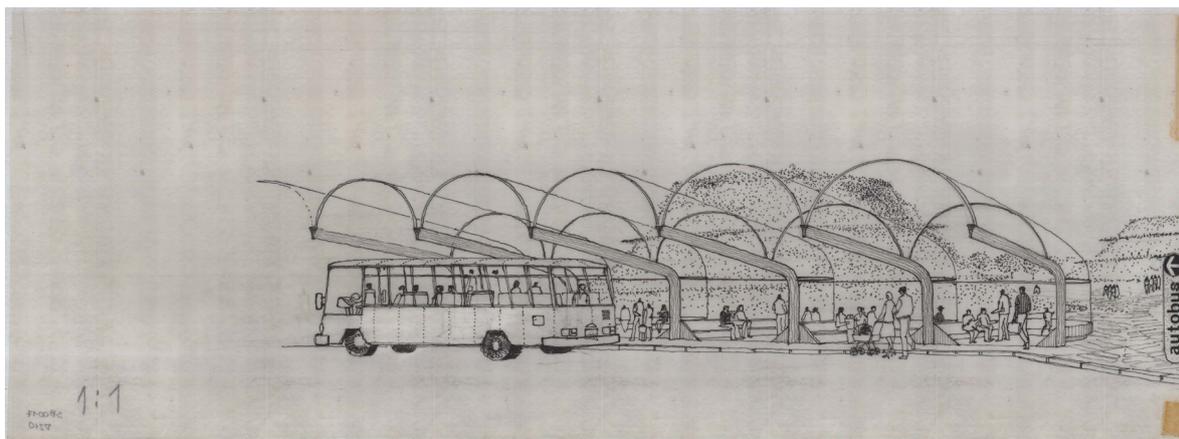


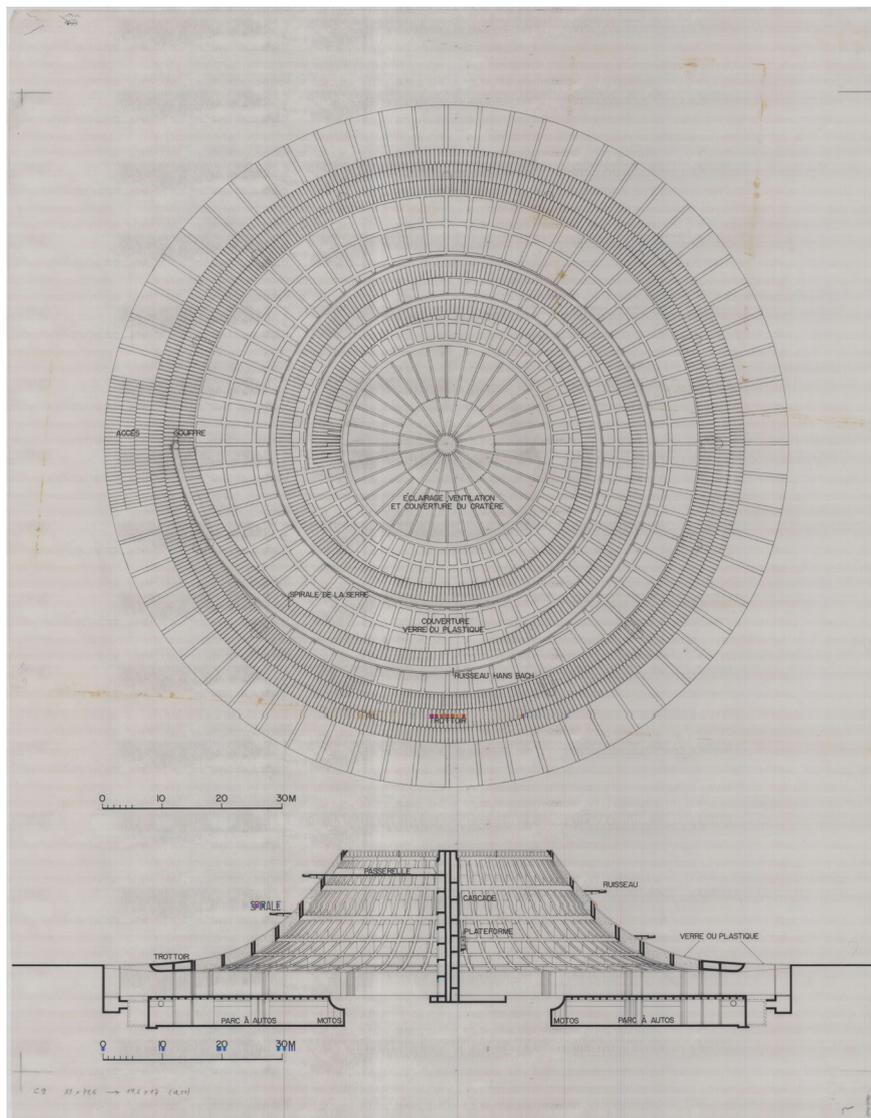
FIGURA 18 - Detalhe dos abrigos propostos para ônibus.

Imagem: Acervo do arquiteto Sérgio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil

FIGURA 19

Planta e corte de um dos vulcões, com destaque para as aberturas com coberturas translúcidas no centro do vulcão e nas bordas (para iluminação, ventilação e fechamento); a circulação vertical no eixo do vulcão com elevador e os parques de estacionamento subterrâneos.

Imagem: Acervo do arquiteto Sérgio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil



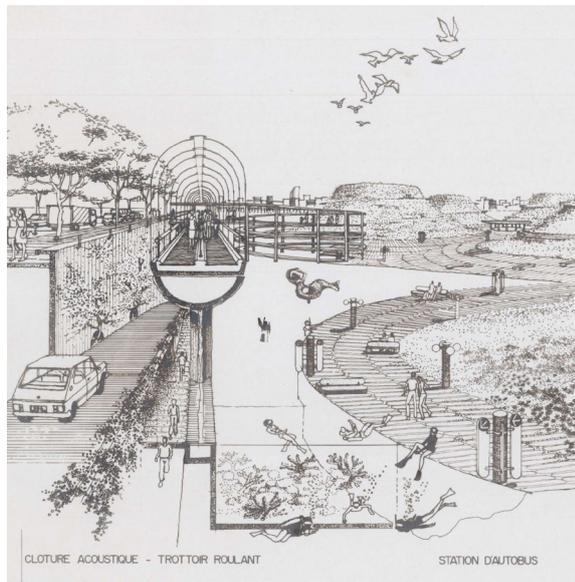


FIGURA 20 - Este detalhe mostra a circulação de esteira rolante coberta e pista de acesso de automóveis ao estacionamento como elementos de separação entre a avenida e o parque.

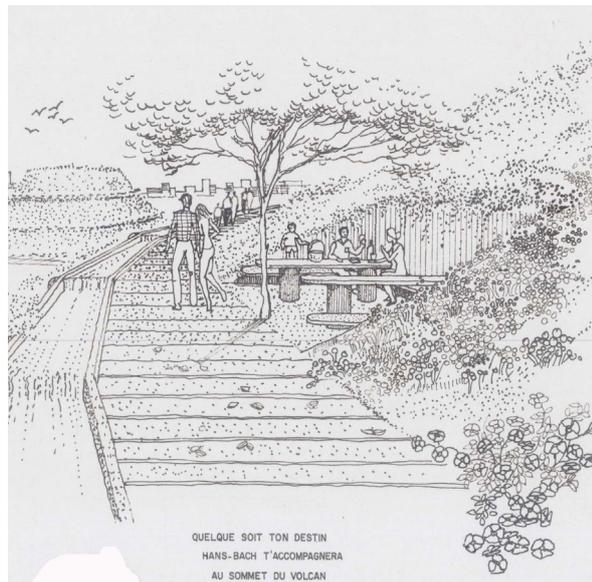


FIGURA 21 - Os vulcões cobertos por arbustos floridos poderiam ser percorridos por fora, por rampas suaves com 4% de inclinação.

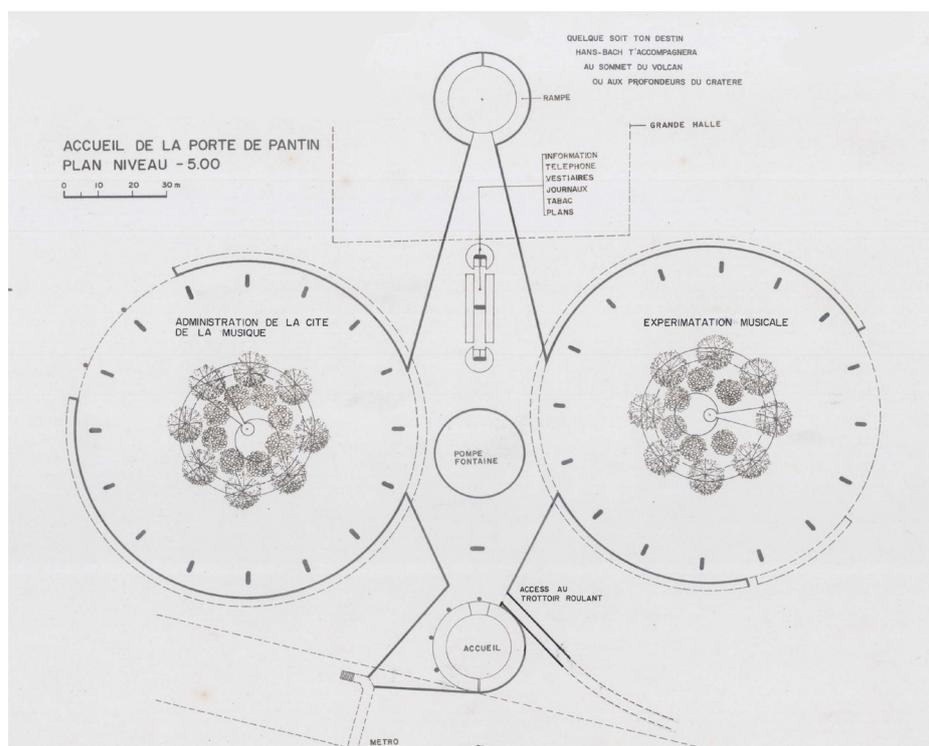


FIGURA 22 - No detalhe da Porta de Pantin (nível - 5m) podemos observar a integração entre os edifícios e acessos. Na parte inferior do desenho o "accueil" é acessado pelo metrô, esteira rolante e pela rampa de acesso ao nível do passeio, e na parte superior uma rampa dá acesso direto ao Grande Halle.

Imagens: Acervo do arquiteto Sérgio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil

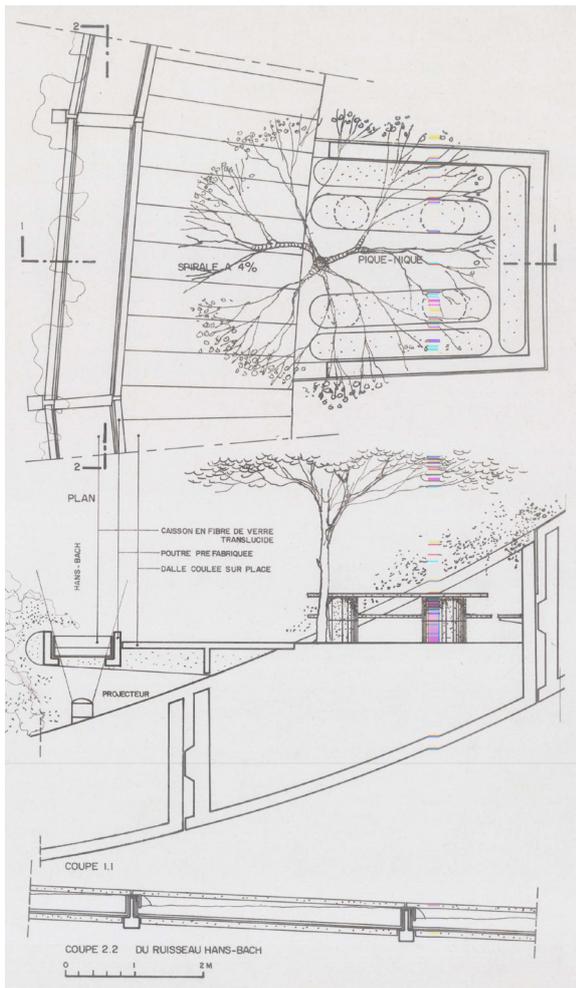


FIGURA 23 - Detalhe típico dos caminhos entorno dos vulcões, com áreas para piquenique e detalhe da iluminação.

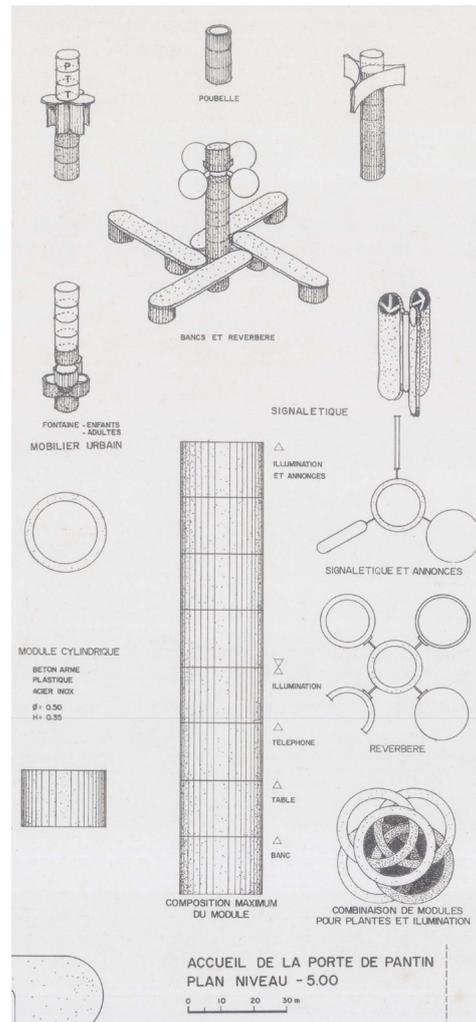


FIGURA 24 - Detalhes dos mobiliários: lixeira, bebedouro, bancos, sinalização, iluminação, etc.

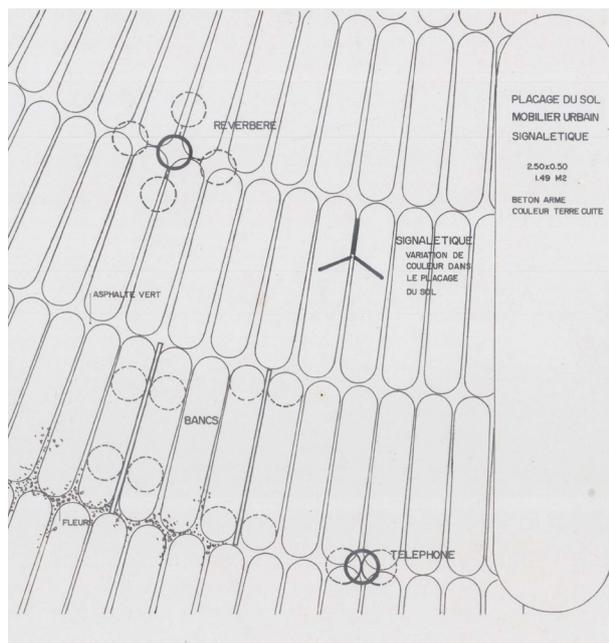


FIGURA 25 - Detalhe da pavimentação em placas de betão armado, com implantação de sinalização, bancos, etc.

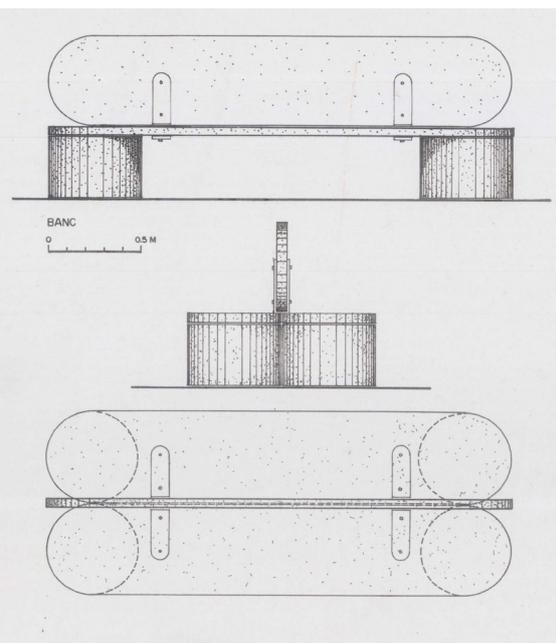


FIGURA 26 - Detalhe de banco em betão armado.

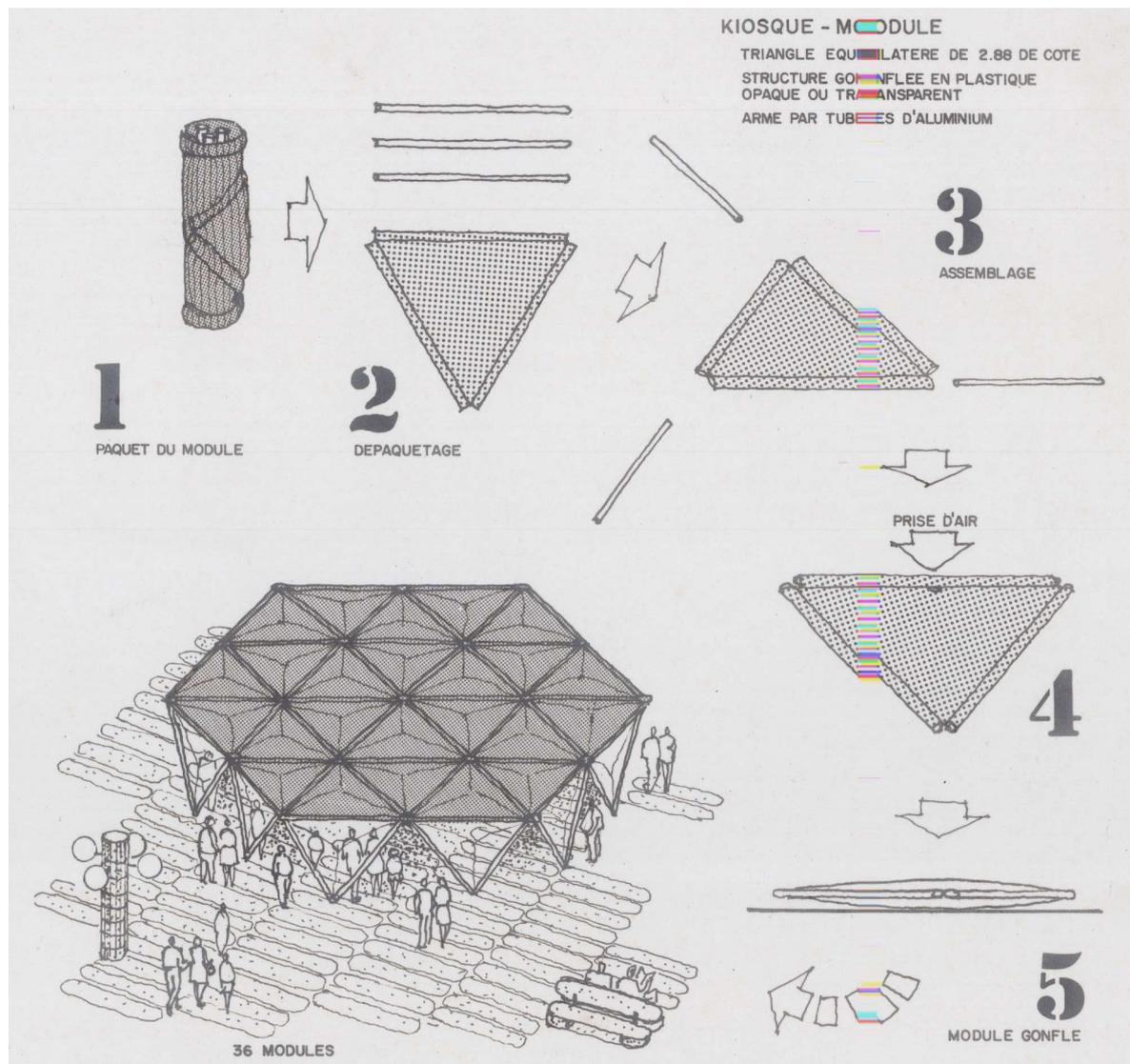


FIGURA 27 -- Esquema da estrutura modular para quiosques.

Imagem: Acervo do arquiteto Sérgio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil

Proposta Organizacional x Proposta estrutural

Diferentemente de Tschumi e Koolhaas, que na altura do concurso estavam no início de suas carreiras, ambos com 38 anos; Bernardes aos 63 anos, não satisfeito com a ascendente carreira de sucesso nas décadas de 50 e 60⁷, nos anos 70 se dedicou mais aos ousados projetos que ele mesmo propunha. Tanto que em 1979, formaliza o Laboratório de Investigações Conceituais (LIC), um núcleo de pensamento, onde elaborou soluções urbanísticas com recursos próprios, sem dispor de subsídios institucionais ou privados, para “inverter a tendência natural de todo Governo de gerar diretrizes apenas depois que surgem eventos ou acontecimentos” (BERNARDES, 1997, p.213).

⁷ Dentre seus projetos desta época podemos destacar: Residência Lota Macedo Soares - Petrópolis (1951), Pavilhão CSN - São Paulo (1954), Pavilhão do Brasil na Expo Bruxelas (1958), Pavilhão de São Cristóvão - Rio de Janeiro (1960), Residência do Arquiteto - Rio de Janeiro (1960), Aeroporto Intercontinental de Brasília (1960), Hotel Tambáú - João Pessoa (1962), Conjunto Residencial Casa Alta - Rio de Janeiro (1963), Hotel Tropical de Manaus (1963-70), Estádio do Corinthians - São Paulo (1968), Instituto Brasileiro do Café - Brasília (1968), Centro de Pesquisa da Petrobrás - Rio de Janeiro (1969), Palácio da Abolição - Fortaleza (1968/72).

Reuniu equipes multidisciplinares e chegou a extrapolar a ceara do urbanismo e propor soluções para problemas globais, como: concentração urbana, crescimento populacional e ecologia⁸; tendo como principais campos de estudo o Brasil, no âmbito nacional e o Rio de Janeiro, no âmbito regional. “Por isso, Sergio Bernardes é o arquiteto brasileiro mais próximo das questões postas pelas megaestruturas daquele período, em que se destaca a irreverência cáustica do grupo inglês Archigram.” (WISNIK, 2010, p.124)

As propostas de Bernardes para projetos de grande escala, se enquadram no que Reyner Banham, em 1976, denomina Megaestruturas, como matriz formal e compositiva. Porém, não enfatiza o processo de produção arquitetônica, mais que seu resultado final. Assim como Frank Lloyd Whight e Buckminster Fuller, Bernardes concebia desde o macro aos mínimos detalhes construtivos e de design; e não foi diferente no projeto para o Parc de la Villette.

As contradições entre a proposta de Bernardes e as propostas de Tschumi e Koolhaas para o Parc de la Villette são inicialmente conceituais. Enquanto os primeiros, com suas propostas de ocupação, buscavam manter um senso de organização e unidade através da marcação do território (*folies e grids*), assumindo que um parque com a dimensão do La Villette não teria como ser implantado de uma só vez; Bernardes marca o território com seus “vulcões”. Na concepção pós-moderna de Tschumi e Koolhaas o crescimento do parque ao longo do tempo se daria assumidamente de forma eclética, enquanto que Bernardes, também consciente da consolidação em etapas, encapsula os mesmos em forma pré-estabelecida por ele, os “vulcões”, que cresceriam como células, quantas vezes fossem necessárias para abrigar os programas.

E mesmo com o discurso de que o vulcão seria um módulo e que dentro deles poderiam ser implantados diversos programas, detalha o projeto e sugere usos que não constavam no edital do concurso, como a Cidade das Águas e o Lago Nemo. Programas estes, que não são efêmeros. Contudo, resolve tecnicamente a construção dos vulcões de modo a não representar um grande transtorno para as atividades do parque quando da ampliação do mesmo⁹.

Além de buscar o controle do crescimento do complexo; ao implantar edificações de forma circular, trata o terreno de forma descontínua em relação a cidade. Intencionalmente, cria no meio da malha urbana tradicional de Paris uma ambiência bucólica de refúgio; ao contrário de Tschumi, que assume a interseção do parque com a cidade, mesclando a paisagem natural com a artificial.

“A sua trajetória representa, concomitantemente, uma radicalização e crítica do projeto moderno de mudança da realidade social por intermédio da arquitetura e do urbanismo”. (CAVALCANTI (org.), 2010, p.10)

Ao contrário dos projetos megaestruturais da década de 60, cuja visibilidade era consequência natural dos projetos, Bernardes tinha claramente a preocupação com a invisibilidade na arquitetura aliada à integração com a natureza, tanto em termos formais, quanto nas questões de conforto ambiental. “Estas são condições que se estabelecem de princípio, é o conceito; quem não tem a parte conceitual, quer fazer uma arquitetura que apareça mais que a natureza (...)” (BERNARDES, 1970,p.30)¹⁰ O que é denominado “arquitetura orgânica”, Bernardes denominou de “arquitetura sem presença”.

Com a estrutura como definidora da forma, as erupções dos vulcões e os percursos projetados possibilitariam um uso lúdico e dinâmico do espaço, e os ambientes

⁸ Os primeiros registros do projeto “Rótulas Nacionais e Células Urbanas S.A.” são de 1957, mas em 1975 lança o livro “Cidade: a Sobrevivência do Poder” (editora Guavira), onde Bernardes alerta com previsões nada animadoras em termos de explosão demográfica, poluição, fome, convulsão social e exaustão das fontes energéticas. E também apresenta soluções político-urbanísticas até hoje consideradas revolucionárias. Em 1979, juntamente com Pedro Paulo Lomba, lança a revista Ecologia, quando apresenta o projeto “Anéis de Equilíbrio” para o Rio de Janeiro.

⁹ Um sistema construtivo de fácil execução, (...) consistia, basicamente, da construção de uma base circular moldada no local, ao qual seriam acrescentadas sete fileiras pré-fabricadas de lâminas, solidarizadas entre si para compor o arco da abóboda invertida.” (CAVALCANTI, 2010, p.18)

¹⁰ Extraído do texto: Vanguarda: Prospectiva e Busca. Revista Cultura, editora Vozes, jan.-fev. 1970, nº1.

subterrâneos integrados, com iluminação natural e termicamente controlados, provavelmente maximizariam a ocupação.

É muito interessante e importante o papel das competições para o desenvolvimento da arquitetura. A experimentação de soluções e conceitos para uma mesma problemática é enriquecedor para as teorias de reabilitação da cidade. O concurso para o Parc de la Villette foi um grande exemplo e gerou uma enorme bagagem de conhecimento, na medida em que importantes arquitetos debruçaram-se sobre o paradoxo do la Villette.

A problemática de reabilitação da área do parque girou em torno das grandes dimensões do terreno e da transformação radical do seu uso, em contraponto com a exequibilidade e atratividade do novo empreendimento. Não é tarefa fácil provar a eficácia de projetos não executados, mas a história demonstra que propostas muito rígidas e megaestruturais tendem a ficar obsoletas ou sem uso pleno.

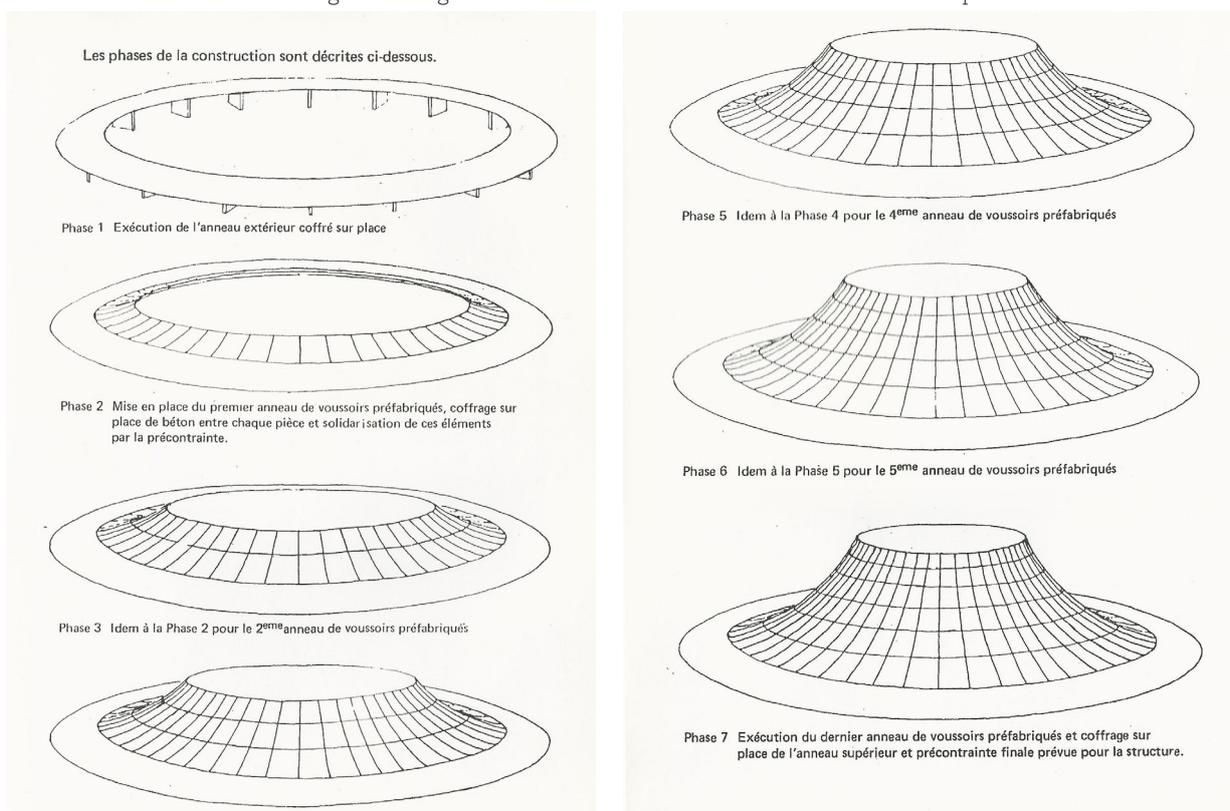


FIGURA 28 - Esquema de montagem da estrutura de concreto armado da cobertura dos vulcões.

Imagem: Acervo do arquiteto Sérgio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil

Referencias

BERNARDES, Kykah e CAVALCANTI, Lauro (org.) **Sergio Bernardes** (1019-2002). Rio de Janeiro: Editora Artviva, 2010.

BERNARDES, Sergio. **Memorial Justificativo**. Les Volcans de Paris, Parc de la Villette, 1982. Sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD) – UFRJ.

BANHAM, Reyner. **Megastructure**. Urban futures of the recent past, Londres, Thames and Hudson, 1976.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. 4.ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1991.

CAVALCANTI, Lauro. **Sergio Bernardes**: Herói de uma Tragédia Moderna. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Prefeitura, 2004. (Perfis do Rio; v.41)

GRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1ª edição, 1997.

GOODWIN, Philip L. Brazil Bulds. **Architecture New and Old 1652-1942**. The Museum of Modern Art, New York, 1943.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. S,M,L,XL. **The Monacelli Press**, 1995

LA VILLETTE (site oficial) Paris: EPPFHV. Disponível em: <https://lavillette.com/en/history/> Acesso em: 22 jan. 2018.

SEGRE, Roberto. Sérgio Bernardes (1919-2002). **Entre o Regionalismo e o High Tech**. Rio de Janeiro: 2002. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq026/arq026_00.asp Acesso em: 21 abr. 2004.

NOBRE, Ana Luiza. **Sérgio Bernardes: a subversão do possível**. Rio de Janeiro: 2002. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/ac/ac009/textos_aln.htm Acesso em: 21 abr. 2004.

ROCHA, Germana; TINEM, Nelci; CUNHA, Marcio Cotrim. **Hotel Tambaú, de Sérgio Bernardes**. Diálogo entre poética construtiva e estrutura formal. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.206/6627> Acesso em: 22 jan. 2018.

GUATELLI, Igor. **Edificar Parques**. O (parergonal) Parc de la Villette e o futuro do passado. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.208/6715> Acesso em: 22 jan. 2018.

PADOVANO, Bruno Roberto. **Entrevista: Bernard Tschumi**, Out 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/02.008/3344?page=2> Acesso em: 22 jan. 2018.

SILVA, Tainá. **Parc de la Villette: Bernard Tschumi**. Disponível em: <http://arquipelago.in/?p=988> Acesso em: 22 jan. 2018.

TSCHUMI, Bernard. **Parc de la Villette**. Paris, 1982-1998. Disponível em: <http://www.tschumi.com/projects/3/> Acesso em: 22 jan. 2018.

BERTACCHINI, Patricia. **Bernard Tschumi: arquitetura é forma do conhecimento**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/02.008/3344?page=1> Acesso em: 22 jan. 2018.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma online a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submissão: 21/07/2019

Aceite: 29/07/2019